



**Judith  
Butler**

---

**Quem Tem  
Medo do Género?**

---

Tradução  
Nuno Quintas

---

**ORFEU  
NEGRO**

TÍTULO ORIGINAL  
Who's Afraid of Gender?

AUTORIA  
Judith Butler

TRADUÇÃO  
Nuno Quintas | [oficinacaixaalta.pt](mailto:oficinacaixaalta.pt)

REVISÃO  
João Berhan

CONCEPÇÃO GRÁFICA  
Rui Silva

ILUSTRAÇÃO DE CAPA  
Dayana Lucas

PAGINAÇÃO  
Rita Lynce

IMPRESSÃO  
Guide — Artes Gráficas

COPYRIGHT  
© 2024 Judith Butler  
© 2024 Orfeu Negro  
Todos os direitos reservados.

1.<sup>a</sup> EDIÇÃO  
Lisboa, Novembro 2024

DL 538913/24  
ISBN 978-989-9225-05-3

ORFEU NEGRO  
Rua Silva Carvalho, n.º 152 — 2.º  
1250-257 Lisboa | Portugal  
[www.orfeunegro.org](http://www.orfeunegro.org)

*às pessoas jovens que ainda me ensinam*

## Introdução

### A ideologia do género e o medo da destruição

Porque teria alguém medo do género? Nos Estados Unidos pelo menos, era até há pouco tempo um termo considerado relativamente comum. Pedem-nos para assinalar uma opção num formulário, e a maioria de nós assim faz sem pensar muito nisso. É óbvio que há quem não goste de assinalar nenhuma opção, há quem ache que deveria haver muitas mais opções, ou talvez nenhuma; todas as pessoas sentem coisas diferentes quando lhes pedem que assinalem a opção respeitante ao género. Há quem suspeite de que a palavra «género» seja um modo de debatermos a desigualdade das mulheres ou a presuma sinónima de «mulheres». Há quem pense tratar-se de uma referência encapotada à «homossexualidade». E há ainda quem assuma que o «género» é outra maneira de falarmos do «sexo», ainda que certas feministas tenham distinguido os dois termos, associando «sexo» à biologia ou à designação legal à nascença, e «género» a formas socioculturais de alguém vir a ser. Entretanto, feministas e outras personalidades da teoria dos estudos do género discordam entre si quanto a estabelecer quais são as definições e distinções correctas. A panóplia de debates em torno da palavra mostra que não predomina uma abordagem única na definição ou no entendimento do género.

O «movimento contra a ideologia do género» trata, porém, o género como monólito de poder e alcance aterradores. Quem se opõe ao género não acompanha propriamente, para dizer o mínimo,

os debates lexicais do termo. Paralelamente à sua circulação prosaica e académica, o género, em algumas zonas do globo, tornou-se motivo de extraordinária inquietação. A Rússia chamou-lhe ameaça à segurança nacional, o Vaticano declarou-o ameaça à civilização e ao próprio «homem». Nas comunidades conservadoras evangélicas e católicas de todo o mundo, o «género» é considerado palavra de código de um programa político que visa destruir a família tradicional, mas também proibir qualquer referência à «mãe» e ao «pai», em nome de um futuro desprovido de género. Por outro lado, em campanhas recentes realizadas nos Estados Unidos com o intuito de se manter o «género» fora das salas de aula, o «género» é tratado como palavra de código para pedofilia ou forma de doutrinação que ensina as crianças a masturbarem-se ou a tornarem-se *gay*. Formulou-se o mesmo argumento no Brasil de Jair Bolsonaro, com base na ideia de que o género põe em causa o carácter natural e normativo da heterossexualidade e que, quando o mandato heterossexual perde solidez, é lançado sobre a terra um dilúvio de perversões sexuais, entre as quais o bestialismo e a pedofilia. As contradições abundam. Esta linha de pensamento (educar as crianças no «género» equivale a abuso de menores) ignora convenientemente a história antiga, e aterradora, de abusos sexuais de jovens perpetrados por padres, padres esses depois exonerados e protegidos pela Igreja. A acusação de abuso de menores lançada sobre quem lecciona educação sexual projecta o mal que a Igreja fez em quem tenta ensinar o exercício do sexo, a importância do consentimento e as vias existentes no género e no sexo. A externalização do mal feito pela Igreja é mero exemplo de como actua o fantasma do género.

Em várias zonas do mundo, imagina-se que o género é ameaça às crianças, à segurança nacional ou ao casamento heterossexual e à família normativa, mas também conspiração das elites para imporem os seus valores culturais às «pessoas reais», num plano concebido para os centros urbanos do Norte global colonizarem o Sul global. O género é retratado como conjunto de ideias que se opõe à ciência, à religião ou a ambas, ou como ameaça à civilização, negação da Natureza, ataque à masculinidade ou eliminação das diferenças entre os sexos. Por vezes vê-se o género como perigo totalitarista ou obra do Diabo, projectado assim como a força mais destrutiva do mundo, perigoso rival contemporâneo de Deus que é preciso a qualquer custo rebater ou destruir.

O género, pelo menos nos Estados Unidos, já não é uma opção corriqueira a assinalar em formulários oficiais, e não é com toda a certeza uma disciplina académica obscura que não produz efeitos no mundo. Pelo contrário: tornou-se um fantasma de poderes destrutivos, forma de reunir e exacerbar uma profusão de pânicos modernos. Como é evidente, há muitas razões, e razões inteiramente legítimas, para termos hoje medo do mundo. A catástrofe climática, as migrações forçadas, as vidas em perigo e que se perderam na guerra. As economias neoliberais, que nos privam dos serviços sociais básicos de que precisamos para vivermos e prosperarmos. O racismo sistémico, que rouba a vida de tantas pessoas em rápidas ou lentas violências. As mulheres, as pessoas *queer* e as pessoas trans, sobretudo as racializadas, apresentam índices aterrorizantes de homicídio.

À direita, contudo, os medos são outros: as contestações ao poder patriarcal e às estruturas sociais do Estado, da sociedade civil e da célula familiar heteronormativa; as ondas migratórias

que ameaçam as ideias tradicionais de nação, supremacia branca e nacionalismo cristão. O rol de receios é mais extenso, mas nenhum deles explica como os receios actuais de destruição são explorados por movimentos, instituições e Estados de direita para os seus próprios fins e de que maneira se culpam termos como «género», «teoria do género», «racismo sistémico» ou «teoria crítica da raça» pelos medos bem desequilibrantes que muita gente sente hoje quanto ao futuro dos seus modos de vida. Para o género ser identificado como ameaça a toda a vida, a toda a civilização, a todo o pensamento e afins, é preciso que o género reúna um conjunto vasto de medos e ansiedades (por mais que eles se contradigam entre si), os encerre numa embalagem só e os agrupe num só nome. Como nos ensinou Freud a propósito dos sonhos, estes fantasmas implicam que se condense uma série de elementos, que se transfira o que continua por ver ou por nomear.

Conseguiremos realmente *dizer* quantos receios contemporâneos se acumulam no género? Ou explicar como a demonização do género desvia, e encobre, ansiedades legítimas quanto à destruição climática, à intensificação da precariedade económica, à guerra, às toxinas ambientais e à violência policial, medos esses que é justo sentirmos e pensarmos? Quando a palavra «género» absorve uma série de medos e se torna para a direita de hoje um fantasma genérico, perde-se o nome das condições diversas que originam realmente esses medos. O «género» acumula e incita esses medos, impedindo-nos de pensar com clareza no que devemos recear e em como surgiu esta sensação de perigo do mundo.

Fazer circular o fantasma do «género» é também um modo de os poderes vigentes (os Estados, as igrejas, os movimentos políticos) nos assustarem para voltarmos a aderir às suas fileiras,

aceitarmos a censura e externalizarmos nas comunidades vulneráveis o medo e ódio que sentimos. Esses poderes invocam os receios que muitas pessoas trabalhadoras sentem quanto ao futuro do emprego ou à santidade da vida familiar, mas também incitam esses receios, como que insistindo que as pessoas convenientemente identificam o «género» como causa real da sensação de ansiedade e apreensão em relação ao mundo. Consideremos a exortação que o papa Francisco fez em 2015. Depois de alertar para a existência de «herodes» em todos os períodos da História, afirmou ele que a «teoria do *gender*» consiste actualmente em novos herodianos que «arquitectam projectos de morte que desfiguram o rosto do homem e da mulher, assim destruindo a criação». Clarificou depois a força aniquiladora da «teoria do *gender*»:

Pensem nas armas nucleares, na possibilidade de, em menos de nada, se aniquilar um elevadíssimo número de seres humanos. [...] Pensem também na manipulação genética, na manipulação da vida ou na teoria do *gender*, que não reconhece a ordem da criação.

O papa Francisco conta então a história de como o financiamento das escolas que servem as pessoas pobres dependia de se incluir a «teoria do *gender*» nos programas escolares; não desenvolve o significado exacto da expressão «teoria do *gender*», mas é algo claramente a temer como, digamos assim, se temêssemos uma perda imensa de vidas. A exigência de ensinar o género nas escolas é, citando o papa, «colonização ideológica». Acrescenta ainda ele que «o mesmo fizeram os ditadores do último século, [...] pensem na Juventude Hitleriana<sup>1</sup>».